

Valor Econômico, 26 de março de 2021

Perfil de novo presidente da Eletrobras traz alívio ao setor elétrico e mercado

Havia um temor de que o governo optasse por uma indicação política ou por um militar

Por: Letícia Fucuchima, Daniel Rittner, Gabriela Ruddy e Rafael Bitencourt

Em meio a temores de uma escolha de cunho político ou mesmo de um militar para o comando da Eletrobras, o mercado respirou aliviado com o anúncio da indicação de Rodrigo Limp para o cargo e fez até vista grossa ao atropelo na governança do processo de recrutamento.

Selecionado pela União, o nome de Limp, atual secretário de energia elétrica do Ministério de Minas e Energia (MME), não estava no radar dos agentes e nem constava na lista elaborada pela consultoria Korn Ferry, contratada para auxiliar o processo de sucessão de Wilson Ferreira Júnior. Ainda assim, a indicação acabou sendo recebida com entusiasmo por grande parte dos analistas e investidores.

Mesmo quem fez ressalvas à escolha de Limp - em particular, à sua falta de experiência no mundo corporativo - destacou o perfil técnico e ponderado do futuro presidente da Eletrobras, e especialmente o que seria seu grande trunfo: o trânsito com parlamentares e a capacidade de dialogar e construir consenso em torno da privatização da estatal.

O martelo sobre a indicação de Limp foi batido na quarta-feira, em reunião tensa do conselho de administração da Eletrobras, que culminou na renúncia de Mauro Cunha, um dos três conselheiros que votaram contra o escolhido do governo - acionista controlador - para o posto. O movimento, que parecia ter potencial para deflagrar uma crise de imagem da estatal, principalmente após as demissões na Petrobras e no Banco do Brasil, ganhou menos importância - prevaleceu a boa recepção do nome.

Embalados pela notícia, os papéis da Eletrobras fecharam o pregão de ontem em alta. As ações ON e PNB subiram 4,96% e 3,62%,

respectivamente, frente a uma alta de 1,5% do Ibovespa. A reação do mercado foi muito diferente da vivida pela Petrobras com a recente troca de comando. Na ocasião, as ações da petroleira chegaram a cair 20% com a indicação, pelo governo, do general Joaquim Silva e Luna para substituir Roberto Castello Branco.

O que atenuou os ruídos causados na seara da governança foi o currículo de Limp. É praticamente consenso que o novo presidente tem o perfil certo para conduzir a Eletrobras neste momento.

Além de ter trabalhado na Medida Provisória (MP) 1.031/2021, mais recente tentativa do governo de emplacar a privatização da estatal, Limp tem experiência como diretor da Agência Nacional de Energia Elétrica (Aneel) e foi consultor legislativo na área de Recursos Minerais, Hídricos e Energéticos da Câmara dos Deputados. Na legislatura passada, andava lado a lado do então deputado José Carlos Aleluia (DEM-BA), relator do projeto enviado pelo ex-presidente Michel Temer e jamais votado. Limp era o principal técnico responsável pelas filigranas do texto.

“A indicação mostra que o MME quer [na Eletrobras] uma pessoa de confiança e, acima de tudo, com capacidade de diálogo no Congresso”, afirma Nivalde de Castro, professor e coordenador do Grupo de Estudos do Setor Elétrico (Gesel) da UFRJ. Na avaliação do especialista, uma das grandes dificuldades de avançar com o projeto de capitalização está em convencer os parlamentares a receberem os benefícios da operação, como recursos para projetos de revitalização, a longo prazo.

Vários agentes do setor elétrico vieram a público comemorar a indicação de Limp. Compõem essa lista desde entidades setoriais, como a Associação Brasileira dos Grandes Consumidores de Energia (Abrace) e o Fórum das Associações do Setor Elétrico (Fase), até o diretor-geral da Aneel, André Pepitone. Além das qualificações profissionais e acadêmicas, muitos teceram elogios a características pessoais do futuro chefe da Eletrobras, citando sua sensatez e facilidade no tratamento com pessoas.

Avaliação positivas também predominaram entre os bancos. O Itaú BBA, por exemplo, repercutiu o tema em relatórios a clientes intitulado “O Melhor Nome Para o Desafio da Privatização”.

Por outro lado, chamou atenção no mercado o fato de Limp não ter nenhuma experiência profissional em empresas. Esse ponto ganhou relevância nas análises especialmente por se tratar do comando da Eletrobras, a maior companhia elétrica da América Latina, responsável por cerca de 50% da transmissão e mais de 30% da geração de energia do país.

“Temos que dar o crédito, porque poderia ter sido muito pior, considerando que o governo disse que iria ‘meter o dedo’ na energia elétrica. O Limp é muito técnico e habilidoso, mas surpreende escolherem alguém que nunca dirigiu empresa na vida”, afirma uma fonte, que pede para não ser identificado. Para essa fonte, um executivo de dentro da Eletrobras, como vinha sendo cogitado no processo conduzido pela Korn Ferry, poderia ser uma opção mais adequada.

Na visão do banco Safra, a ausência de experiência prévia no mundo corporativo pode representar um “grande desafio” para Limp, ainda que ele detenha profundo conhecimento técnico do setor elétrico. “Por outro lado, Limp compreende bem os processos de governo e pode ajudar nas negociações com o Congresso em torno da privatização”, ponderou o analista Daniel Travitzky.

No entanto, essa crítica foi relativizada por muitos agentes. A leitura é de que, na situação atual da Eletrobras, a preferência é por um presidente com grande conhecimento do setor elétrico e habilidade para negociar com o Congresso, do que simplesmente um bom gestor.

Quem defende essa tese argumenta que o processo de “turnaround” da Eletrobras foi praticamente concluído na gestão de Ferreira Júnior, cabendo agora alguns ajustes finais e a manutenção do legado do ex-presidente. “Uma empresa nunca é uma pessoa só, o Limp terá uma diretoria preparada para ampará-lo”, aponta Gabriel Francisco, analista da XP Investimentos.

Nos bastidores da Eletrobras, a escolha de Limp foi considerada uma derrota pessoal para Ferreira Júnior, que esperava ser sucedido por alguém próximo, apurou o Valor. Segundo fontes, há a expectativa de que, após a posse, o novo comandante ajude a alinhar internamente os esforços para a capitalização. Existe a possibilidade, inclusive, de trocas nos comandos das controladas da estatal.

A definição de um sucessor para o comando da Eletrobras era aguardada desde o fim de janeiro, quando o ex-CEO Ferreira Júnior anunciou sua renúncia, jogando um banho de água fria sobre as expectativas de privatização. Desde então, o governo mostrou-se mais empenhado com a pauta, encaminhando ao Congresso a MP 1.031.

Fonte original: <https://valor.globo.com/empresas/noticia/2021/03/26/perfil-de-novo-presidente-da-eletobras-traz-alivio-ao-setor-eletrico-e-mercado.ghtml>